

## Neusas, os discursos e suas vozes

ANA BEATRIZ FREIRE\*  
LUIZA FREIRE NASCIUTTI\*\*

Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época. (LACAN, 1953/1998, p. 322)

Falar de Neusa Santos Souza é muito difícil para nós. Por que falar de Neusa após 17 anos de sua morte é quase um desafio? Talvez porque não haja distância ainda para isso ou porque há, no *a posteriori*, anos e afetos demais ainda não elaborados.

Podemos afirmar que, apesar de Única – com letra maiúscula – há muitas Neusas, dependendo do lugar da enunciação ou da escuta que irá produzir um enquadramento sobre sua trajetória, obra e memória. Luiza Nasciutti evocou em sua tese particularmente esta dimensão ao assumir os modos pelos quais Neusa Santos é descrita, de maneira plural e diversa, a partir das relações construídas entre ela e os sujeitos entrevistados em sua pesquisa<sup>1</sup>:

A impressão de que era impossível descrever uma única Neusa surgiu com frequência entre os comentários daqueles que a tinham como amiga. Há uma percepção compartilhada de que ela

---

\* Psicanalista, professora aposentada do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGIP-UFRJ) em Teoria Psicanalítica.

\*\* Cientista Social.

1. NASCIUTTI, L. F. *Tornar-se Neusa: raça, memória e subjetividade, a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

transparecia aspectos sobre si muito diferentes dependendo dos circuitos de relação em que se inseria, e que havia “camadas” sobre sua pessoa e trajetória que se mantiveram em um campo velado de desconhecimento e mistério para muitos com quem conversei. Eu também guardava a sensação de que cada pessoa a quem eu entrevistava retratava uma Neusa distinta, ainda que eu tenha identificado, aos poucos, os vários pontos comuns entre os relatos de entrevista. Porém, era marcante que cada entrevista contribuía com traços distintos dessas “facetas”, trazendo um elemento novo sobre sua trajetória de vida que, diversas vezes, não era previsível. Esse aspecto não é, portanto, uma especificidade de Neusa, mas sim um traço constitutivo de todo sujeito, que é sempre múltiplo, fragmentado, contraditório. A possibilidade de construção de uma narrativa biográfica implica contemplar essa complexidade. No entanto, esta dimensão se tornou mais escancarada no trabalho de recomposição da história de vida de Neusa, na medida em que elaborada pelos próprios interlocutores de pesquisa. Muitos narraram como se ela vestisse diferentes “figurinos”, dependendo do contexto de interação (GOFFMAN, 1975).

Outros também afirmaram que havia dimensões intocadas ou secretas sobre a sua vida que, mesmo aos amigos mais íntimos, parecia não ser possível de acessar (NASCIUTTI, 2024, p. 132).

Como sugere Isabel Lins, psicanalista e sua amiga íntima: “Há pedaços da história dela que só algumas pessoas sabiam. Um amigo tinha um pedaço, outra amiga tinha outro pedaço. Nem tudo era contado a cada um por ela. Quer dizer, ela escolhia alguns amigos para contar tal parte ou tal outra parte da história dela” (*Id., ibid.*, p. 141-142). Dessa forma, enfatizamos aqui a pluralidade das *voces* de Neusa Santos Souza: Neusa-amiga, Neusa-madrinha, Neusa-baiana, Neusa-negra, Neusa-ativista, Neusa-intelectual, Neusa-psiquiatra, Neusa-psicanalista, dentre outras, infinitas, fragmentadas, contraditórias, ambivalentes e múltiplas. Evocamos aqui a psicanalista Vilma Dias que, em uma fala em homenagem à Neusa e a seus múltiplos legados nos convoca a refletir:

Porque eu fiz parte do movimento negro da década de oitenta. As pessoas do movimento, Lélia, Abdias, Januário, Neusa, toda essa

turma, eu conheci, no salão de cabeleireiro negro, onde a gente se olhava no espelho. E aí, assim, eu não tô tirando dos livros, fizeram parte da minha história. Então, falar de Neusa, e agora mesmo ouvir uma gargalhada de Neusa... O que fica entre a fala e o discurso? Fica a voz (*apud* NASCIUTTI, 2024, p. 339).<sup>2</sup>

Se a voz reside no hiato entre o enunciado e o discurso – ou como objeto resto que emerge entre o dito e o dizer<sup>3</sup>, voltemo-nos para o lugar do(s) discurso(s). A partir dos anos 1990, Neusa transita pelos quatro discursos propostos por Lacan<sup>4</sup>. Como psicanalista, Neusa se localiza, primeiramente, no discurso do analista: aquele que aponta para a passagem de um discurso ao outro<sup>5</sup>, fazendo surgir um espaço de um lapso, e tendo como agente o semblante de objeto (a) próprio do que causa. Talvez no reviramento desse, ela tenha ocupado, para alguns, o lugar de mestre, quando, com mestria, transmitia, na Casa Verde, os ensinamentos da clínica da psicose para uma grande e fiel plateia transferida. Neusa também, por vezes, operava no discurso universitário, quando projetava acumular o saber (mesmo sendo impossível, furado, não todo).

Neusa também se inscreve no discurso da histórica, quando, dividida, procurava e questionava o discurso majoritário, ávido por um significante primordial. Quanto a este discurso, testemunhamos sempre sua postura em não se contentar em repetir os mestres, as filiações institucionais e referências francesas, majoritariamente, segundo ela, colonizadoras. Sempre questionadora, buscava, a seu modo, uma verdade própria, singularizada e subjetivada. Evidentemente, também interrogava, como Lacan, “o fora do discurso”, próprio à psicose.

Neusa era, antes de tudo, uma pessoa movida pela curiosidade ao que a inquietava e que dava enorme importância à escrita, à letra e à palavra. Ano-

---

2. Trecho de fala de Vilma Dias em evento “Tornar-se negro, novas leituras”, MUHCAB, 27 de maio de 2023, recuperado por Nasciutti, p. 339.

3. Aqui diferenciamos o dito do dizer, como na célebre frase de Lacan no *Aturdito*: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve” (LACAN, 1972/2003, p. 448).

4. *Seminário livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970/1992) em diante.

5. “Há emergência do discurso analítico a cada travessia de um discurso a outro” (LACAN, 1972-1973/1985, p. 27).

tava as frases de pensadores e poetas que a tocavam, que a ecoavam, sobre vários assuntos: amor, amizade, arte, luto, morte, vida, psicose – um tanto sobre a loucura. Ela própria escreveu, além de sua dissertação de mestrado, que todos conhecem sob o título de *Tornar-se negro* – trabalho pioneiro e vanguardista que traz ressonâncias intensas, teórica e politicamente pertinentes ainda hoje (como as reverberações em nossa época testemunham) – um livro em 1991 que consideramos também pioneiro sobre a psicose.

Mais tarde, fez uma interpretação original e (ainda) atual de “O Estranho” [*Unheimlich*] de Freud (1919/1977, p. 175-314), reivindicando, na possibilidade de acolher este estranho ou estrangeiro que habita em nós, a admissão do efêmero, da “transitoriedade de todas as coisas”, do “passageiro da diferença”, convocando-nos a passagem da “afirmação trágica do plural” à “afirmação alegre do diferente” – compreendida por ela como o antídoto de toda forma de racismos, crimes de ódio, feminicídios, – fobias e – ismos que se fundamentam no ódio e na intolerância ao Outro e “àquilo que funda sua diferença” (SOUZA, 2021, p. 121-130). Ainda mais tarde, escreveu artigos em torno do texto de Lacan “A ciência e a verdade”, fruto de um estudo com colegas (SOUZA; FREIRE; FERNANDES, 1996), teceu comentários sobre as possibilidades (e os limites) da clínica psicanalítica com pacientes psicóticos<sup>6</sup> e, por fim, organizou um livro junto com Maria Silvia Hanna sobre a angústia no qual reúne vários artigos de colegas e psicanalistas em torno d’*O seminário 10* de Lacan (SOUZA; HANNA, 2005). Neusa tornou-se uma psicanalista dedicada à loucura e uma lacaniana decidida.

De toda essa biografia bibliográfica, propomos pensar sua trajetória, frente aos rumos da psicanálise, e homenageá-la, seja pelo seu trabalho primoroso em torno do estudo dos impasses e angústias subjetivadas pelo “negro

6. Dos quais SOUZA, N. S. “O estrangeiro: nossa condição”. In: *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021, p. 121-130; SOUZA, N. S.; FREIRE, A. B.; FERNANDES, F. L. *A ciência e a verdade: Um comentário*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1996; Destacamos: SOUZA, N. S. “A clínica analítica com pacientes psicóticos é possível?”. In: QUINET, A. *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2009; SOUZA, N. S. “O que pode um analista aprender com os pacientes psicóticos?”. *Revista Stylus*, 6, 2003; e SOUZA, N. S. “E agora José?” (2000). In: SOUZA, N. S. *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

brasileiro em ascensão social” (SOUZA, 1983), seja em torno de seus escritos sobre a psicose – ou, para ser mais fiel à sua enunciação, “as psicoses”.

*Tornar-se negro: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*, sua obra mais referenciada, deve ser lembrada como resultado de um trabalho de pesquisa que se desdobrou em sua dissertação de mestrado, defendida em 1981, no Instituto de Psiquiatria da UFRJ (IPUB), que se tornou livro em 1983. Neusa propõe, nesta obra, uma reflexão sobre as implicações psíquicas do racismo em um momento em que essa temática não se apresentava como questão pertinente ao campo da saúde mental no Brasil. De forma inovadora, se apropria da perspectiva freudiana – particularmente, dos conceitos de narcisismo e Ideal do Eu – para analisar o sofrimento psíquico de negras e negros brasileiros, enfoque que não encontrava lugar na psiquiatria e psicanálise à época, nem como um transtorno ou patologia, nem como investigação de cura e acolhimento.

Assim, ela apresenta trechos de entrevistas de negros e negras em ascensão que incorporaram para si o embranquecimento enquanto modelo simbólico engendrado, sobretudo, através da esfera familiar. Para Neusa, é nesta esfera, fundamental para a formação do sujeito e da introdução à linguagem e à cultura (FREUD, 1914/1969), que a brancura é constituída como um valor e onde se forjam processos de subjetivação que refletem o desejo de “ser branco” e fundamentam o estigma de inferioridade do corpo negro e a rejeição pela negrura. Fora da ordem familiar, a rua, a escola, o trabalho e o seio das relações de amizade e amorosas confirmam o Ideal do Eu branco, que adquire “significado e eficácia de modelo ideal para o sujeito” (SOUZA, 1983/2021, p. 68).

Alguns trechos destacados de seus entrevistados dão subsídios para reconhecer uma condição psíquica de sofrimento, observada através da manifestação de falta de autoestima, culpa, autodepreciação, insegurança, angústia, defesa fóbica e depressão. Entretanto, não se fixando em um diagnóstico de sofrimento experienciado por um estrato populacional particular, a psicanalista apresenta, como conclusão da obra, uma saída alternativa às buscas inverossímeis de querer embranquecer, que imprimem em si uma violência brutal ao sujeito. Não havendo uma concepção positiva de si mesmo para se constituir laços identificatórios, o sujeito negro tende a associar-se a um

modelo de identidade que reflete o ideal de branquidade, dominante numa sociedade em que sobrevive o racismo antinegro. No entanto, é na ausência desta concepção positiva de negritude, na inexistência de uma identidade negra que se possa rejeitar ou afirmar, que o/a negro/a deve ater-se ao trabalho político-subjetivo de criar uma nova identidade – tornar-se negro.

Vale lembrar que no mesmo período, Neusa estava próxima ao ativismo de esquerda que se opunha à ditadura militar e às inflexões políticas antirracistas que se organizavam e se fortaleciam no Rio de Janeiro. O contexto nacional era marcado pelo crescimento da mobilização política crítica, devido ao arrefecimento das medidas autoritárias do regime civil-militar. Os movimentos negros se revitalizavam e inauguravam uma nova fase de inspiração marxista e posição racialista (DOMINGUES, 2007), que tem como marco emblemático a criação do Movimento Negro Unificado em 1978. Neusa participou desse momento político, incitando reuniões e discussões a partir do lançamento, em 1983, de *Tornar-se negro* no Instituto de Pesquisas das Culturas Negras, locus político marcante do período, que agregava diversas frentes das organizações antirracistas e reunia significativas lideranças negras como Lélia Gonzalez e Abdias do Nascimento. Militantes e intelectuais que atuaram no movimento negro no período afirmam o significativo impacto subjetivo e político que a obra gerou a essa geração de ativismo antirracista, no que confere à capacidade de confrontar o discurso oficial da “democracia racial”, ao localizar um tipo de sofrimento experimentado individualmente como fruto de uma violência histórica e social (NASCIUTTI, 2024).

Além de impactar a intelectualidade e a militância negra, a obra impulsionou o debate sobre saúde mental da população negra, e, neste campo, é hoje uma das principais referências. Ela produziu inegáveis contribuições, servindo de instância teórica pertinente para discutir o cruzamento entre mito da democracia racial, ascensão social do negro e racismo, sinalizando suas consequências para os processos de subjetivação da população negra. Suas contribuições também reforçaram a impossibilidade de se pensar a “raça” sem considerar a dimensão social e histórica presente na constituição subjetiva, inaugurando assim uma vertente intelectual que articula os campos teóricos psíquicos e sociais no Brasil. Apesar disso, o livro não teve a recepti-

vidade e o acolhimento merecidos pelos campos com os quais se propunha a contribuir e dialogar, sofrendo diversas formas de apagamento durante ao menos duas décadas desde sua publicação. Podemos dizer que somente a partir da segunda década dos anos 2000, a obra passa a ser lida, recuperada e apropriada pelos campos psis e das ciências humanas de forma mais significativa – e isso não se explica de outra forma a não ser pelos efeitos que o fortalecimento e a capilaridade do debate antirracista produzem frente ao racismo epistêmico.

A partir do final dos anos 1980, Neusa de certa forma abandona como centro de suas preocupações teóricas (mas certamente não enquanto preocupações políticas e sócioexistenciais) a questão racial, e passa a privilegiar, em seus escritos e pesquisas o tema das psicoses. Falar do livro “A Psicose”, escrito e publicado primeiramente em 1991, requer muito trabalho de contextualização e atualização para situar o que essa obra inaugurou como também para localizar a sua devida importância atualmente.

Neusa, no início da década de 1980, frequentava os grupos de estudo do Clauze Abreu, os cursos de Roberto Machado, que estavam na época trabalhando o livro *Dialogues* de Deleuze e Claire Parnet. Aliás, foi também a noção de “devenir” de Gilles Deleuze que inspirou – junto ao brilhante *Segundo Sexo* de Beauvoir –, anos antes, o termo “tornar-se negro”. Os grupos de estudos, que fazem parte fundamental de sua trajetória intelectual e como psicanalista, são sustentados pelo desejo de trabalhar com seus pares: “É, mas o desejo é também a tendência a perseverar, essa insistência em permanecer ... esforço por perseverar no seu ser” (SOUZA, *et al.*, 1990), pontua ela sobre a escolha por esta vertente de trabalho, a qual tanto valorizou ao longo de seu percurso psicanalítico.

A vertente que sustenta isto fundamentalmente é a alegria que encontrei nesta forma de viver. Uma série de acasos me levaram a me organizar assim. Comecei a estudar psicanálise com um grupo de estudos, tendo um coordenador, e assim foi feito por um longo tempo, até o momento que senti que poderia estudar com meus pares, sem necessariamente ter um coordenador e gostei desse estilo. E como estou bem nesse estilo, gosto fundamentalmente disso, quero continuar assim, e também porque os ecos que me che-

gam de outros modos de se organizar não me interessam, não me fascinam, não me seduzem. No meu entender as coisas caminham bem nessa forma que encontrei, nessa forma que me foi oferecida por essa constelação de acasos. É fundamentalmente isso: uma vontade de permanecer nesse estilo. [...] O que me move é uma insistência quase teimosa, que me leva a perseguir e afirmar um modo singular de agenciamento com meus pares onde se constroem laços de trabalho – laços frouxos, elos, não cadeias. “Viver é muito perigoso”, como diz o Riobaldo de Guimarães Rosa. (SOUZA, *et al.*, 1990).

Neusa, como psiquiatra de formação, seguia a psicanálise, em particular, inaugurada por Freud, assim como a orientação e a releitura de Jacques Lacan. Muito estudiosa e rigorosa na exegese dos textos, fazia uma revisão minuciosa antes de escrever sobre qualquer tema, mas a sua verdadeira paixão era a clínica, a escuta psicanalítica e, em especial, a clínica da psicose.

Acreditamos que foi diante da loucura que ela escolheu a medicina (a quem desconhece, ela se formou na Faculdade de Medicina da Bahia, em Salvador, em 1975), em particular a psiquiatria, como especialização, mas foi na psicanálise que encontrou a escuta daquilo que não fazia sentido pelos manuais psiquiátricos, sobretudo os que colocavam a loucura em uma patologia inata ou classificada na franja da incompreensão. Diferentemente do psiquiatra que acreditava ser a loucura uma doença em si que deve ser compreendida ou tratada, “eliminada” se possível, de forma medicamentosa, Neusa, na contramão da sua formação, não recuou de tratar a psicose e, como Freud e Lacan, dedicou sua vida a tratar a loucura buscando sua lógica através da linguagem, e incluindo nela seu limite, o gozo. Daí seus importantes seminários na Casa Verde onde os que a seguiram puderam presenciar sua transmissão.

Lacan, seguindo Freud, ao pé da letra, na década de 1950, não recuou diante da psicose, e, diferentemente do início da psicanálise, cuja clínica se baseava na neurose, fundou sua clínica a partir da psicose e fez de seus limites e impasses o arcabouço para pensar o sujeito em sua dimensão, decisão mais íntima do ser. Ainda jovem psiquiatra, em seus antecedentes, Lacan afirma:

[...] longe de a loucura ser um fato contingente das fragilidades de seu organismo, ela é a virtualidade permanente de uma falha aberta em sua essência. Longe de ser para a liberdade “um insulto” ela é sua mais fiel companheira, e acompanha seu movimento como uma sombra. E o ser do homem não apenas não pode ser compreendido sem a loucura, como não seria o ser do homem se não trouxesse em si a loucura como limite de sua liberdade. (LACAN, 1946/1998, p. 177).

Acompanhando a radicalidade dessa citação, Neusa, já distante de sua formação psiquiátrica e enquanto psicanalista lacaniana, não atribuía a loucura a uma falha, a um déficit, a uma fragilidade de seu organismo. Ao contrário de ser um insulto para a liberdade, essa psicanalista afirmava ser a loucura o que nos ensina sobre a subjetividade, como fiel companheira da liberdade, das escolhas na “junção íntima do sentimento de vida”, nas mais íntimas decisões do ser (LACAN, 1955-56/1966, p. 565).

Sabemos que na década de 1950, mais particularmente, “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” e em *O seminário 3*, Lacan sustentava a tese da forclusão do nome do pai como fundamento da estrutura psicótica. O livro de Neusa sobre a psicose se desenvolve a partir dessa tese: o que distingue neurose da psicose é a presença ou não do nome do pai e, conseqüentemente, da significação fálica. E ela descreve esse processo magistralmente para os analistas, analisando e, sobretudo, introduz aos não familiarizados o que é o nome do pai, a significação fálica e o que implica, para a constituição do sujeito, a rejeição, a forclusão dessa função – forclusão que tem como consequência, como conhecemos, a psicose. A partir dessa premissa, da forclusão do nome do pai, ela apresenta a psicose nos três registros introduzidos por Lacan: primeiramente, no primeiro capítulo, aborda as conseqüências no simbólico; no segundo capítulo, dedica-se ao imaginário; e, no terceiro, trata das conseqüências do real na psicose<sup>7</sup>.

---

7. Os exemplos do livro *A psicose* do desenvolvimento da autora sobre Simbólico, Imaginário e Real encontram-se na publicação FREIRE, A. B. *Neusa e a psicose: não recuar diante da psicose de Arquivos da Biblioteca número 18*, p. 20-25.

Acompanhando a obra de Lacan, constatamos que, atualmente, Lacan re-fez essa tese de dividir as estruturas clínicas a partir da presença ou ausência do nome do pai. Ele propôs, ao longo de seu ensino, um alargamento das suplências em relação ao nome do pai. Lacan afirma, no fim de sua obra, que o nome do pai, arcabouço da estrutura da neurose no início de seu ensino, não é dado, mas também construído e que, na origem, na nossa constituição, temos todos, neuróticos e/ou não, uma forclusão frente ao real, ao traumático fundante da linguagem. Linguagem essa que também passa a ser considerada não um Outro *a priori*, um sistema organizado, dado de antemão, mas uma elucubração, sob um feixe de significantes não articulados e plenos de gozo, que Lacan nomeou com o neologismo *lalíngua*.

Voltando *À Psicose* de Neusa, temos a hipótese que, apesar de esse livro estar apoiado na tese da presença ou não do nome do pai para definir as estruturas clínicas e, em particular, a psicose, o seu ensinamento clínico muitas vezes, antes da sua época, – nesse sentido ela é precursora, *avant-garde* –, aponta para a topologia, para a ideia de enodação e suplência à função paterna, e mesmo para a noção de psicose ordinária, para *lalíngua*, para o *sinthoma* e para a relativização da distinção rígida entre neurose e psicose.

Trata-se do *sinthoma* como o nome de uma montagem que possibilita um laço com a alteridade, com o Outro, seja o corpo, seja o Outro como presença maciça, marca vocal, e faz disso uma possibilidade de estar no mundo, uma singularidade, uma escrita.

Quando Neusa tenta pensar a estrutura e o acontecimento, ela está inquieta com a distinção *tout court* entre neurose e psicose, a partir da presença ou forclusão do nome do pai. Quando ela mostra a loucura para todos e distingue melancolia de psicose, ela também vai nessa direção. Assim, ela afirma na página 122 dessa nova edição, no anexo de 1996: “O fenômeno da loucura é dado a todos. A estrutura psicótica – esse constrangimento [...] – isso é exclusivo de uns, isso é excluído a outros” (SOUZA, 1999, p. 122).

Aqui a autora, a psicanalista, antecipa a ideia lacaniana do fim do seu ensino, “todos deliram”, sendo que a distinção será de enodamento, do *sinthoma* que cada sujeito irá produzir frente ao real, simbólico e imaginário. Loucura para todos, mas nem todas as amarrações se confundem, se igualam. Afirmar que todos deliram não implica, no entanto, uma indistinção entre psicose e neurose. Daí também seu esforço de singularizar na clínica suas possíveis in-

venções e amarrações e mesmo possibilidades de alguns sujeitos produzirem algum laço, como nos casos que Miller nomeou de “psicose ordinária”, isso é, casos de *desgarramento*<sup>8</sup>, sem nenhum fenômeno elementar ou delírio.

Enfim, é por essa via que relançamos o convite a lermos e a relermos sua obra, que é seu legado vivo de uma psicanalista sempre inquieta e em constante processo de criação e que, infelizmente, nos deixou prematuramente. Cabe a nós restituir a sua presença na ausência. E, assim, terminamos este testemunho de seu percurso, não sem saudades...

Resta-nos por trás do que não foi ainda simbolizado de sua ausência e para além do que se diz de seu fim trágico, ressoar sua risada única que ainda ecoa para todos que, como nós, conviveram com ela e ainda, mais ainda, nos alegra. Parafraseando o poeta: “Quero ver Neusa dar sua risada!”<sup>9</sup>

Junho 2025

**Ana Beatriz Freire**

freireanab@hotmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

**Luiza Freire Nasciutti**

luizanasciutti@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

## Referências

DOMINGUES, P. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, 12, p. 100-122, 2007.

FREIRE, A. B. Neusa e a psicose: não recuar diante da psicose. In: *Arquivos da Biblioteca número 18*. Março 2024, Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Rio, p. 20-25.

8. *Desrraigados* (cf. Miller *et al.*, 2016).

9. Caetano Veloso (1969): “Eu quero ir minha gente, eu não sou daqui, eu não tenho nada, nada... quero ver Irene rir. Quero ver Irene dar sua risada”...

FREUD, S. *O estranho* (1919). Rio de Janeiro: Imago, 1977. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 17).

\_\_\_\_\_. *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). Rio de Janeiro: Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 14).

GOFFMAN, E. *A representação do eu na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LACAN, J. Formulações sobre a causalidade psíquica (1946). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 152-194.

\_\_\_\_\_. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose (1956-1957). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 537-590.

\_\_\_\_\_. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise (1953). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 238-324.

\_\_\_\_\_. A ciência e a verdade (1965-1966). In: LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988. p. 869-892.

\_\_\_\_\_. *O seminário livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Aturdido* (1972). In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. *Seminário livro 17: o avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. *Seminário livro 20: mais, ainda* (1972-1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

MILLER, J. A. *et al. Desarraigados*. Buenos Aires: Paidós, 2016.

NASCIUTTI, L. F. *Tornar-se Neusa: raça, memória e subjetividade a partir da trajetória e obra de Neusa Santos Souza*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024.

SOUZA, N. S. *et al. Só e bem acompanhada. Cadernos de Psicanálise*, Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro, Ano 8, n. II, 1990.

SOUZA, N. S.; FREIRE, A. B.; FERNANDES, F. L. *A ciência e a verdade: um comentário*. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1996.

SOUZA, N. S.; HANNA, M. S. G. F. *O objeto da angústia*. Rio de Janeiro: Editora 7 Letras, 2005.

SOUZA, N. S. A clínica analítica com pacientes psicóticos é possível? In: QUINET, A. *Psicanálise e psiquiatria: controvérsias e convergências*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001.

\_\_\_\_\_. O que pode um analista aprender com os pacientes psicóticos? *Revista Stylus*, 6, 2003.

\_\_\_\_\_. (1983). *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

\_\_\_\_\_. O estrangeiro: nossa condição. In: *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 121-130.

\_\_\_\_\_. E agora José? (2000). In: *Tornar-se negro: ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

\_\_\_\_\_. (1999). *A psicose: um estudo lacaniano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.